
Jornalismo Pós-industrial e Constrangimentos no uso de SGCs pela Tribo Jornalística¹

Frederico S. M. de CARVALHO²
Universidade Federal de Santa Catarina, SC

RESUMO

Acesso à internet, um notebook, ou mesmo um *smartphone*, são o suficiente para qualquer jornalista publicar informações que podem atingir milhares de leitores. Para disponibilizar informação jornalística na internet, o profissional pode fazer uso de sistemas de gerenciamento de conteúdo (SGCs). Essas ferramentas, que surgiram na década de 1990, revolucionaram a publicação na web, mas hoje trazem complicadores a empresas e profissionais. Mesmo em situações que são desenvolvidos para uma única empresa, não atendem aos requisitos de usabilidade que garantem praticidade e flexibilidade à atual rotina dos jornalistas e de redações mais estruturadas. Neste trabalho pretende-se apresentar a evolução das tecnologias usadas por jornalistas e a necessidade de implementar um SGC com a participação de profissionais e pesquisadores da área utilizando de princípios do Design Centrado no Usuário (DCU).

PALAVRAS-CHAVE: DCU, Internet, Webjornalismo, SGC.

1. Introdução

"There is no such thing as the news industry anymore", concluem Anderson, Bell e Shirky (2012) o primeiro parágrafo de seu manifesto – "parte pesquisa" – *Post-Industrial Journalism: Adapting to the Present*. A grande sala, cheia de máquinas de escrever ou mesmo computadores, o 'aquário' com os 'comandantes do chão de fábrica', agitado por jornalistas para lá e para cá, dividindo o espaço com as impressoras rotativas, já não correspondem à realidade do que entendemos hoje sobre o fazer jornalismo. Não há mais um monopólio de um grupo pequeno de negócios controlando a infraestrutura e capital necessários para produzir a notícia (ANDERSON, BELL e SHIRKY, 2012). Acesso à internet e um celular podem ser tudo o que se precisa para a elaboração e distribuição da notícia por um jornalista, que não necessariamente deve estar inserido em alguma empresa.

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 15 a 17 de junho de 2017.

² Mestrando do Programa de Pós-graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, e-mail: fredsmc@gmail.com.

Da mesma forma o trabalho do profissional de jornalismo vem se diversificando no decorrer dos anos. Com os avanços proporcionados pelas tecnologias de informação e comunicação, a internet tornou-se peça chave na distribuição da notícia. Textos, estrutura dominante na rede, cederam espaço para a fotografia, material em áudio e vídeo, o que intensificou a exploração do trabalho de jornalistas, responsáveis pela produção multimídia e multiplataforma simultaneamente, "mas também criou funções e atividades especializadas em três áreas distintas: o planejamento de mídias; a produção de conteúdos e o desenvolvimento de novas linguagens; a gestão de equipes" (MICK, 2015, p.17).

Há ainda que se considerar que as formas de consumo da notícia mudaram. Do jornal impresso, rádio e TV, esperava-se que a notícia fosse lida, ouvida e vista. Hoje, conta-se com os comentários do público, contabiliza-se a distribuição da notícia em diferentes canais de comunicação pelos próprios usuários e cria-se expectativa em torno da velocidade com a qual a notícia alcançará o máximo de consumidores possíveis (TELLÉRIA, 2012), podendo a própria distribuição em massa tornar-se notícia. Acrescenta-se a isso a participação popular no envio de fotos, vídeos, informações em áudio que podem complementar o material noticioso publicado ou mesmo em elaboração.

A dinâmica do fazer e consumir notícia tornou-se complexa e todos esses fatores foram amontoando-se sobre as mesas de forma que tanto empresas de produção jornalística como profissionais ainda patinam sobre as formas de explorar tais mudanças e a academia acumula esforços para desvendar formas de absorver tais mudanças:

Os impactos da convergência digital sobre o trabalho dos jornalistas são objeto de grande número de estudos. Os investigadores têm se dedicado a problemas que se referem tanto ao discurso jornalístico (efeitos da convergência sobre temas e narrativas), quanto aos processos de produção (efeitos sobre estratégias de apuração e sobre organização do trabalho). Nesse último aspecto, destacam-se a imposição da multifuncionalidade, a precariedade dos vínculos de contratação, a juvenilização da categoria, entre outros impactos de mudanças impostas pelos donos de empresas jornalísticas, diante da redução de receitas e da fragilização de seu modelo de negócios, no contexto da convergência. (MICK, 2015, p. 19)

Este artigo abordará as evoluções do processo de produção e de que forma essas mudanças podem influenciar no desenvolvimento de novas ferramentas destinadas ao fazer jornalismo, mais especificamente dos sistemas de gerenciamento de conteúdo

(SGCs). Para tal, considera-se que mesmo em meio a essas mudanças, é mantida a identidade da tribo jornalística (TRAQUINA, 2013) e a participação de especialistas dessa área, assim como um levantamento minucioso das práticas atuais e hábitos dos profissionais, sejam necessários para o desenvolvimento de uma ferramenta generalista que possa adequar-se às necessidades destes profissionais que se desprendem de grandes conglomerados e distribuem-se em novas organizações.

Será apresentada brevemente a evolução do jornalismo na web e o desenvolvimento dos SGCs para ambientação do quadro atual e, por meio de levantamento bibliográfico, serão apontadas características que ainda unem jornalistas em uma tribo que, mesmo com a inclusão de novas técnicas, mídias, plataformas e até jargões, os membros ainda associam-se em uma mesma categoria e contagiam-se no modo de pensar – e mesmo agir. O que, desta forma, torna o grupo peça chave no desenvolvimento de um SGC que possa atender às necessidades desse grupo.

2. Jornalismo pós-industrial e SGCs

Durante muitos anos, desde seu surgimento na década de 1970, a internet era um ambiente de uso limitado, basicamente para compartilhar e-mails e formar grupos de discussão por meio das *mailing-lists*, modelos rústicos de redes sociais, por assim dizer. Em 1980 os modems³ foram popularizando-se (ISAACSON, 2015), o que favoreceu o aumento do número de usuários, mas na década seguinte iniciou-se o surgimento da internet comercial (AGNEZ, 2011) e o interesse das empresas jornalísticas de tornarem-se presentes na Web.

Nos Estados Unidos, os jornais iniciaram a disponibilização de textos para comunidades em rede a partir de 1992, no entanto, havia apenas publicação diária de material que podia ser acessada por meio de sistemas pagos de acesso, como o BBSs⁴ (Bulletin Board Systems), sistemas considerados a internet pré-internet. Só em 1994, com o lançamento do navegador da Netscape que reconhecia códigos HTML, permitindo interfaces gráficas, foi que finalmente os jornais norte-americanos

³ O modem é o aparelho utilizado para converter os dados binários do computador em dados analógicos para poderem ser transmitidos via linhas telefônicas ou outras vias que utilizem de transmissão de informação em forma de ondas eletromagnéticas. Após a transmissão, outro modem converte as ondas em dados binários para serem compreendidas pelo computador receptor da informação transmitida (BRITO, 2014).

⁴ Os BBSs eram computadores que, com auxílio de software especializado e um modem, recebiam ligações por meio dos modems de clientes, transmitindo as informações nele contidas e, dessa forma, textos eram salvos nos computadores dos jornais e podiam ser acessadas pelo público geral. (GAGNE e LAKE, 2009).

começaram a realmente se interessar em manter páginas para serem acessadas pelos seus leitores. No mesmo ano havia cerca de uma dezena de jornais online, em 1996 o número subiu para 248 jornais diários e em 1997 veio a solidificação da presença dos jornais online totalizando 745 jornais norte-americanos, aproximadamente metade dos diários do país (LI, 2006). E neste período que no Brasil surgiram as primeiras publicações online. No ano de 1995 a Agência Estado, do Grupo Estado de S. Paulo, e o Jornal do Brasil deram os primeiros passos no mundo virtual (BOTÃO, 2005).

2.1 Evolução das páginas web e SGCs

Nos primórdios da disponibilização de notícias na internet, entre 1995 e 2000, todo o material era inserido utilizando a HTML (Hyper Text Markup Language), a linguagem criada pelo cientista Tim Berners-Lee (ISAACSON, 2015). O que exigia um entrancado processo de diagramação, já que toda a informação era disposta em tabelas e inseridas manualmente por um grupo de profissionais especializados (FIALHO, 2005) ou jornalistas que começavam a se aventurar na utilização do código recém-criado, posteriormente, aprendendo a linguagem crua ou utilizando-se de editores HTML WYSIWYG (What you see is what you get), como o Dreamweaver (FIALHO, 2005) para a construção de páginas estáticas⁵.

Tais configurações limitavam o número de profissionais capazes de atualizar uma página online, no entanto, o norte-americano Justin Hall, percebeu que era necessário ampliar o número de pessoas capazes de inserir conteúdo na web para explorar todo o potencial que o ambiente tinha a oferecer. Criador conhecido do primeiro blog na rede – na época, conhecido como weblog, e por piada, transformado em "we blog" –, Hall realizou viagens pelos Estados Unidos ensinando pessoas a trabalhar com HTML para publicarem suas próprias páginas e em seu blog realizou campanhas para que todos seguissem os mesmos passos (ISAACSON, 2015).

A febre dos blogs tomou conta da internet na década de 1990 e amadores e profissionais viram nesse modelo de uso da web uma forma de expressão e popularização da internet. Situação tão sonhada por Hall e que deu vida a empreendimentos jornalísticos como o Huffington Post, da empresária e jornalista, Arianna Huffington:

⁵ Páginas estáticas são publicações na internet que apresentam apenas a linguagem HTML em seu código fonte. São ditas como estáticas pois seu conteúdo é apresentado da mesma forma para qualquer visitante (W3C, 2014).

Se todos nós tivermos um lugar para postar nossas páginas — o canal de Howard Rheingold, o canal da Raising City High School —, não há como a web acabar tão banal e medíocre como a televisão. Haverá tantos lugares para encontrar conteúdos novos e envolventes quanto existem pessoas que anseiam por serem ouvidas. A boa narração de histórias humanas é a melhor maneira de evitar que a internet e a World Wide Web se transformem num lixão. (HALL *apud* ISAACSON, 2015, p. 441)

Em 1999, Evan Willians um empreendedor web e também entusiasta dos blogs, inspirou-se no blog de Dave Winer, desenvolvedor de sistemas e blogueiro que havia construído sua página de forma que fosse atualizada automaticamente, usando XML⁶, para criar uma linha de comandos que automatizavam a forma de postar suas notas em sua página virtual (ISAACSON, 2015). Em vez de escrever o texto e fazer a atualização em HTML, Willians digitava e enviava os textos de forma que eles iam para a página no formato adequado automaticamente, o que se transformou em uma ferramenta que permitia qualquer pessoa sem conhecimento prévio de linguagem para web – barreira enfrentada pelos blogueiros – construísse uma página e publicasse conteúdo online utilizando do SGC desenvolvido. Surgiu o Blogger, dando à internet a sustentação que Willians acreditava ser necessária à mídia por ser um ambiente destinado à periodicidade de publicação de conteúdo, democratização e utilização de hyperlinks (LIVINGSTON, 2008). Relação perfeita com o jornalismo, que podia se beneficiar do universo online, agora tão dinâmico⁷ quanto o trabalho do jornalista.

2.2 Uso de CMSs por jornalistas

Seja gratuito – como Joomla, Drupal, Plone, Wordpress... – ou proprietário – sistema de código fechado desenvolvido especificamente para determinada empresa –, os sistemas de gerenciamento de conteúdo vêm sendo amplamente utilizado nas redações ou por jornalistas independentes devido à praticidade que dá ao profissional de publicar notícias em ambiente virtual. "O CMS é um sistema para a publicação de conteúdos que está sendo utilizado em muitas redações. Permite que editores, repórteres, designers e todos os envolvidos tenham acesso a ferramentas que buscam os conteúdos em arquivos simples estruturados em bancos de dados e possibilitam

⁶ Extensible Markup Language (XML) é uma linguagem para publicação web que serve para guardar e transportar informação, cuja estrutura é contida dentro da própria informação. (ROUSE, 2014)

⁷ A utilização de sistemas de gerenciamento de conteúdo caracterizam o conceito de dinamicidade em sistemas online, por permitir que um mesmo template aceite diferentes conteúdos, postados automaticamente por meio de um ambiente administrativo que dá acesso direto ao backend de um sistema, alterando suas características de front-end, exibidas ao usuário final.

múltiplas associações, revisões e a própria publicação" (WEISS e SCHWINGEL, 2008, p. 98)

O Blogger – ou blogspot, como foi conhecido no Brasil – é o que pode-se considerar o primeiro CMS criado⁸, devido a sua influência na massificação do uso de sistemas de gerenciamento de conteúdo para a criação de páginas online. O sucesso do Blogger foi seguido de sistemas como Mambo – que depois originou o Joomla –, Drupal e Wordpress. Com o uso dessas ferramentas, empresas de comunicação, instituições sem fins lucrativos e profissionais independentes puderam repensar as formas de publicar notícia na internet.

Inicialmente, foi possível presenciar o que seria uma transposição de conteúdo de uma mídia de origem (rádio, TV, meio impresso) para a internet (CANAVILHAS, 2006). Com o avanço das tecnologias e concorrência empresarial, foram-se adotando novas formas de utilizar do meio virtual, explorando suas possibilidades de agrupamento midiático para favorecer novas experiências ao usuário e permitir novas conexões informacionais para consumo da notícia, o que o pesquisador chamou de webjornalismo.

Na fase a que chamamos webjornalismo/ciberjornalismo, as notícias passam a ser produzidas com recurso a uma linguagem constituída por palavras, sons, vídeos, infográficas e hiperligações, tudo combinado para que o utilizador possa escolher o seu próprio percurso de leitura (CANAVILHAS, 2006, p. 2).

Nas grandes empresas, a busca foi – e é – por uma adequação de sistemas de gerenciamento de conteúdo para que possam atender às práticas dos jornalistas e à demanda acelerada por informação multimídia. Já o jornalismo independente, encontra nos SGCs a oportunidade de focar-se na prática e na agilidade de postagem, em vez de dispendar horas e horas na busca de soluções tecnológicas para manter uma página online. Porém, esta inserção definitiva e essencial das tecnologias de informação e comunicação no ambiente profissional do jornalista gera alguns constrangimentos ao usuário final dos sistemas, o próprio profissional.

⁸ Alguns especialistas atribuem ao America Online (AOL) o desenvolvimento do primeiro CMS devido a criação do Rainman (Remote Automated Information Manager), em 1995. Um CMS proprietário desenvolvido para que voluntários pudessem publicar conteúdo no site da empresa e colaborar em outras áreas de manutenção dos serviços prestados online. Porém devido às restrições de acesso e ao fracasso do sistema, apagam o impacto possível do sistema da AOL à internet (WEISSMAN, 2010; STULTZ, 1998)

Sendo uma profissão enfraquecida por uma série de constrangimentos, principalmente referentes ao monopólio da atividade e delimitação de funções na redação, os jornalistas e suas relações profissionais estão sujeitos, sem muitas opções, às pressões da competição da mídia online e do discurso da atualização constante (de conteúdo. n.a.). Neste cenário, de forma a não se tornar obsoleto, o jornalista é obrigado a desenvolver novas habilidades voltadas às práticas emergentes, e de acordo com cada nova tecnologia criada⁹. (Silva, Pereira e Ribeiro, 2013, p. 51, tradução livre)

Se a concorrência dos veículos de comunicação, provocando uma corrida incansável pela publicação da notícia o mais rápido possível, é um ponto de pressão no exercício profissional do jornalista, lidar com os sistemas impostos pelas empresas desenvolvedoras é outro desafio a ser superado.

O SGC e os sistemas de gerenciamento de projeto são a origem de muitos desses problemas. Talvez 90%. As vezes o SGC não é nem compatível com o fluxo de trabalho, ou o SGC possui inconsistências em relação ao fluxo. Ou ainda o fluxo de trabalho destrói o SGC. Observe qualquer grande organização que utilize multiplataforma. Não é incomum ver a mesma versão [de um texto] repetidas vezes. Ou vários repórteres trabalham em um mesmo texto por não estarem se comunicando. O grande, flexível SGC que vai permitir você mudar seus processos com o passar do tempo não existe. Você deveria tentar o seguinte: tente achar um repórter em Nova Iorque que gosta do SGC que usa. Este é um grande problema. Se o seu SGC o restringe, irá restringir tudo relativo à redação. A tecnologia que você usa irá mudar o que você produz¹⁰. (MULLANY apud ANDERSON, BELL e SHIRKY, 2012, p. 58, tradução livre)

Outro desafio encontrado pelo profissional é a forma com a qual a informação é organizada nas áreas administrativas dos sistemas de gerenciamento de conteúdo, utilizando termos mais familiares aos desenvolvedores dos sistemas, "os jornalistas tiveram de se apropriar das ferramentas para composição e publicação do material na rede" (...), "incorporando uma prática que antes ficava restrita a um setor específico do

⁹ No original: As a profession weakened by several constraints, mainly regarding the monopoly of their activity and delimitation of functions in newsrooms, journalists and their working relationships are subject, without many options, to the pressures of competition from online media and to the discourse of constant updating. In this scenario, in order not to become obsolete, the journalist is compelled to develop new skills in terms of emerging practices, and according to each new technology created.

¹⁰ No original: The CMS and the project management systems are the crux of a lot of these [process] problems. Maybe 90 percent. Sometimes workflow and CMS aren't even compatible, or the CMS is inconsistent with the workflow. Or the workflow destroys the CMS. Look at any major organization, where it's multiplatform. It's not uncommon to see the same version [of a story] a few times. Or several reporters did the same story because they weren't communicating. The great, flexible CMS that will allow you to change your process over time does not exist. You should do this: try to find the one reporter in NYC who likes their CMS. This is a huge problem. If your CMS restricts you, it's going to restrict everything about the newsroom. The technology you're using is going to change what you produce

que aos profissionais que farão uso do mesmo" (GRUSZYNSKI e SANSEVERINO, 2014, p. 17).

Pelo que avaliamos, parece-nos que (1) a utilização dos diferentes softwares que atualmente viabilizam as rotinas produtivas; (2) as tensões entre os âmbitos editorial, comercial e institucional; (3) as dificuldades de desenvolvimento de ferramentas compatíveis com estruturas e processos que estão em constante transformação; (4) a desestabilização de uma cultura profissional diante do enfrentamento de significativas alterações em práticas consolidadas no campo jornalístico; e (5) a demanda empresarial pela produtividade e iniciativa dos funcionários; delineiam um ambiente de trabalho que exige produção constante, intensiva e atenta às diferentes demandas, que gera insegurança sobre as perspectivas de desempenho profissional futuro (GRUSZYNSKI e SANSEVERINO 2014, p. 20).

Esta apropriação de elementos externos aos habituais, acabou desestabilizando rotinas consolidadas, causando certo desconforto na relação do profissional com os CMSs vigentes, o que indica a necessidade de uma consulta mais aprofundada a respeito da necessidade do jornalista, vertentes profissionais e adequação às novas formas de fazer jornalismo.

4. Tribo jornalística e design centrado ao usuário

Mesmo com a evolução tecnológica invadindo o jornalismo, algumas lógicas de produção e utilização de termos no jornalismo ainda mantêm-se solidificadas. Isso dá-se pela forma com a qual jornalistas se relacionam no exercício do trabalho, ocorrendo uma manutenção das formas de falar e agir. De acordo com Traquina (2013) "o jornalismo é também uma prática discursiva" na qual pratica-se o "jornalês", algo que mantém a identidade de grupo da categoria, tanto por forças de convívio como pelo próprio ambiente de trabalho, como descreve Hymes, tratando de comunidades discursivas:

[...] uma comunidade discursiva tem um certo conjunto de hábitos de discurso, cuja incidência varia com a população e que é retido de diferentes formas, como um resultado de pressões seletivas (como o ambiente social e natural, prestígio de oradores, costumes como tabu e jogos de palavras, e requisitos internos para manutenção dos códigos linguísticos)¹¹. (HYMES, 1980, p. 24, tradução livre)

¹¹ No original: a speech community has a certain set of speech habits, whose incidence varies within the population and which are differentially retained, as a result of selective pressures (such as the social and natural environment, prestige of speakers, customs such as tabu and word-play, and internal requirements for maintenance of the linguistic code).

Da mesma forma, Traquina sugere que as ações dos jornalistas estão diretamente ligadas ao conhecimento que esses têm dos procedimentos jornalísticos (TRAQUINA, 2013). Guerreiro Neto (2012) sustenta esta afirmação indicando que há uma reconhecida instituição jornalística, composta por outras instituições menores, procedimentos e rotinas bem fundamentados. Ou seja, mesmo sendo “analista de mídias sociais”, “pesquisador de conteúdo”, “assistente de conteúdo”, “coordenador de mídias digitais e estratégia”, “analista de conteúdo digital”, “redator de blog”, “produtor de conteúdos”, entre outras funções e subcategorias vinculadas ao jornalismo – apresentadas por Mick (2015) –, é mantida a ideia de coesão da profissão.

Apesar das experiências desses profissionais serem diferentes em sua especificidade, a base compartilhada de conhecimento dos profissionais (VAN DIJK, 2005) sustenta a institucionalização dos jornalistas. Desta forma, tais afirmações permitem-nos estender os preceitos de construção de discurso jornalístico e constituição do que Traquina, em sua interpretação de Zélizer, chama de “tribo jornalística”, para a forma com a qual o jornalista irá relacionar-se com as ferramentas disponíveis para a produção do jornalismo.

4.1 Design centrado à tribo

Dentro da área de conhecimento do Design, existem duas abordagens gerais comumente utilizadas para o desenvolvimento de sistemas: a abordagem centrado no sistema e a abordagem centrada no usuário. A primeira tem como metodologia projetual o levantamento de requisitos técnicos, implementação e construção de papéis para o uso do sistema, a segunda considera os requisitos dos usuários e tarefas realizadas, as formas de uso do sistema e o envolvimento do usuário no desenvolvimento do sistema e conclusão de implementação (PADOVANI, 2013).

O termo DCU se refere tanto a um grupo de técnicas quanto à filosofia no coração dessas técnicas. A filosofia geral do DCU é colocar o usuário como centro do processo de design por meio do uso de métodos rigorosos. O designer busca “conhecer” o usuário fazendo uso, inicialmente, de técnicas como entrevistas, observação direta de contexto, fóruns e questionários, para então trabalhar no design de protótipos para o usuário testar em um contexto da vida real. Normalmente o primeiro “protótipo” é feito no papel, no qual o designer constrói por meio de tarefas que o usuário vai desenvolver. Na evolução do design, são feitos protótipos mais sofisticados e o usuário é solicitado a fazer novas tarefas com o mínimo de ajuda do tester. Os resultados alimentam o processo

iterativo, que continua até a versão final do sistema¹² (CHAMBERLAIN, SHARP e MAIDEN, 2006, p. 144, tradução livre).

Nos processos jornalísticos da atualidade é possível observar a inegável participação de sistemas tecnológicos na produção da notícia e envolvimento massivo dos profissionais com diferentes software utilizados nas redações ou em empreitadas independentes, seja num computador de mesa, tablet ou smartphone (Agnez, 2011). Assim, torna-se necessário uma atuação mais presente desses profissionais no desenvolvimento de sistemas que possam colaborar para o melhor aproveitamento da tecnologia, como sugere Bertochi:

A aproximação de programadores e jornalistas nesta fase de antenarração de dados, via software de mídia publicador, determinará em grande medida o sucesso do sistema narrativo como um todo – uma vez que jornalistas podem atuar neste desenvolvimento contínuo do programa sugerindo novos *plugins* e *features* capazes de, lá na frente, gerarem novos e mais interessantes formatos narrativos, como formatos que atendem às necessidades contemporâneas dos usuários finais. (BERTOCHI, 2014, p. 14)

O apontamento de Bertochi nos leva diretamente ao DCU, considerando nesse contexto que o usuário não será o leitor, como é corriqueiro observamos em experiências e pesquisas realizadas sobre jornalismo, mas o próprio jornalista, que atuará no ambiente administrativo, backend dos sistemas usados na construção dos ambientes noticiosos online. Não sendo apenas um consultado, levando ao máximo o conceito de DCU, e sim um colaborador intensivo na produção de novas ferramentas, podendo ir além, como é exemplificado na entrevista com o jornalista Pedro Valente, apresentada na pesquisa de Deak e Folleto:.

Eu sou mais um programador-jornalista. Mas não sei se tem um rótulo, porque a gente faz várias coisas. Um dos objetivos era colocar um site no ar sozinho. Então fiz tudo, programação, texto, design. É claro que algumas coisas saem melhores que outras, mas a gente acaba fazendo um pouco de tudo [...] Eu tenho que conversar com designers e programadores o dia todo, e preciso transmitir o que o usuário quer. Tudo

¹² No original: The term UCD1 refers to both a collection of techniques and the philosophy at the heart of these techniques. The overall philosophy of UCD is to place the user at the centre of the design process through the use of rigorous methods. For instance, the designer tries to “get to know” the users initially through techniques such as interviews, direct observation in context, forums and questionnaires, before moving on to design prototypes for the users to test within a real-life context. Often the first “prototype” is simply a paper one which the designer constructs through an analysis of the tasks that the user will perform. As development progresses and more sophisticated prototypes are developed, the user may be asked to perform tasks using the prototype with only minimum guidance from the tester. The results are then fed into an iterative process which continues until a final version of the system emerges.

o que aprendi de linguagem técnica é importante para essas conversas.
 (VALENTE apud DEAK e FOLETTO, 2013, p. 18)

E o diferencial apontado pode também ser fundamental para o futuro promissor dos processos jornalísticos. Não que necessariamente o jornalista deva ser programador, mas observa-se na atualidade uma chamada para que o profissional tenha conhecimento suficiente das possibilidades tecnológicas e linguagem utilizada para que possa colaborar intensivamente em melhorias nos SGCs.

5. Considerações finais

O surgimento da internet revolucionou a forma de difusão de informação e as evoluções tecnológicas têm caminhado num passo muito mais rápido que a adaptação dos jornalistas aos meios para realizar sua função. Além de se deparar com novas práticas e processos para realizar o básico, que seria levar a informação ao público, o jornalista tem sido obrigado a absorver aplicativos e sistemas desenvolvidos de forma generalista e adaptar-se às formas de interação com novos meios de comunicação com o público que tornam-se essenciais no universo online – redes sociais, repositórios de informação, publicadores multimídia.

Dentre as ferramentas disponíveis, os sistemas de gerenciamento de conteúdo (CMSs) tornaram-se os mais relevantes e transformadores dos processos jornalísticos, influenciando os hábitos profissionais e atualmente fazendo conexão com demais sistemas utilizados pelos jornalistas, como editores de foto, vídeo e ferramentas de editoração. Porém, muitas barreiras presentes nos SGCs acabam prejudicando o andamento do trabalho de jornalistas.

Transformar jornalistas em programadores pode não ser a saída mais recomendada para que haja a adequação dos sistemas à realidade dos profissionais, até mesmo por exigir uma mudança radical tanto na cultura da tribo jornalística e principalmente na formação profissional, onde dificilmente haveria espaço para um ensino tão especializado, considerando as demais prioridades à formação do jornalista. Porém, o uso do design centrado no usuário obedecendo todas suas premissas – considerando-se até o design participativo – pode ser a melhor saída para garantir parte dos movimentos necessários a uma evolução das práticas jornalísticas no ritmo da evolução da web.

Incentivar pesquisas aprofundadas sobre o novo perfil do jornalista e requisitos ao exercício da profissão seriam um primeiro passo para definir a realidade da prática jornalística neste século. Em paralelo, definir critérios adequados de usabilidade com auxílio de pesquisadores do ramo jornalístico já familiarizados com tecnologias de programação colaboraria para cercar as informações relevantes e, em conjunto com cientistas de outras áreas, como design e computação, iniciar a produção de um sistema que possa facilitar o uso dos profissionais, colaborando com a evolução do jornalismo e, por fim, resgatar o envolvimento do jornalista com a ferramenta de publicação da notícia, como na época áurea da imprensa, reconstituindo o espírito de grupo profissional e extinguido a imagem de dissolução do jornalismo existente nos tempos atuais.

6. Referências

ANDERSON, C. W.; BELL, Emily; SHIRKY, Clay. **Post-Industrial Journalism: Adapting to the present**. Tow Center for Digital Journalism - Columbia Journalism School, 2012.

AGNEZ, Luciane F. **A Convergência Digital na Produção da Notícia** – Reconfigurações na rotina produtiva dos jornais Tribuna do Norte e Extra. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2011.

BERTOCCHI, Daniela. Dos dados aos formatos: o sistema narrativo no jornalismo digital. XXIII ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, Universidade Federal do Pará, 27 a 30 de maio, 2014.

BOTÃO, Paulo R. Internet, ensino de jornalismo e comunidade. In: IX CELACOM - COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE A ESCOLA LATINO-AMERICANA DE COMUNICAÇÃO, 2005, São Bernardo do Campo, 2005.

BRITO, Edvaldo. Entenda a diferença entre hub, switch, roteador e modem. **Techtudo**, Informática. 14 de abr. 2014. Disponível em: <http://www.techtudo.com.br/artigos/noticia/2013/05/entenda-diferenca-entre-hub-switch-roteador-e-modem.html>>. Acesso em: 21/2/2016.

CANAVILHAS, João. **Do jornalismo online ao webjornalismo: formação para a mudança**. Webjornalismo.com. Universidade Beira Interior, Departamento de Comunicação e Artes, 2005.

CHAMBERLAIN, Stephanie; SHARP, Helen; MAIDEN, Neil. **Towards a Framework for Integrating Agile Development and User-Centred Design**. In: Abrahamsson, P. Marchesi, M. e Succi, G. (org.), XP 2006. LNCS. v. 4044, p. 143-153. Springer, Heildberg, 2006.

DEAK, A; FOLETTO, L. **Processos emergentes do jornalismo na internet brasileira: “novos jornalistas” na era da informação digital**. Rev. Estud. Comun., Curitiba, Vol. 14, Nº 33, p. 13-28 jan./abr. 2013.

FIALHO, Waldiane de Á. **Desenvolvimento de sites dinâmicos por profissionais de criação Web** – as contribuições do Dreamweaver MX. In: V ENCONTRO DOS NÚCLEOS DE PESQUISA DA INTERCOM, Rio de Janeiro, 2005.

GAGNE, Ken; LAKE, Matt. CompuServe, Prodigy et al.: What Web 2.0 can learn from Online 1.0. **Computerworld**, Networking. 15 de jul. 2009. Disponível em: <<http://www.computerworld.com/article/2526547/networking/compuserve—prodigy-et-al---what-web-2-0-can-learn-from-online-1-0.html?page=3>>. Acesso em: 21/2/2016.

GRUSZYNSKI, Ana C. SANSEVERINO, Gabriela. Processos de produção e design editorial multiplataforma: um olhar sobre o jornal Zero Hora. **Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação**, Universidade Federal de Juiz de Fora / UFJF, v.8, n. 2. Dezembro 2014.

HYMES, Dell. **Language in Education: Ethnolinguistic Essays**. Language and Ethnography Series, Center for Applied Linguistics, Washington, D.C. Dezembro, 1980.

ISAACSON, Walter. **Os Inovadores** – Uma biografia da revolução digital. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

LI, Xigne. **Internet Newspapers: the making of a mainstream medium**. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates Inc, 2006.

LIVINGSTON, Jessica. **Founders at Work** – Stories of startup's early days. Apress, 2008.

MICK, Jacques. **Trabalho jornalístico e convergência digital no Brasil: um mapeamento de novas funções e atividades**. Revista Pauta Geral – Estudos em Jornalismo, Ponta Grossa, Vol.2, Nº 1 p. 15-37, Jan/Jun, 2015.

NETO, Guilherme G. **O Jornalismo como Instituição Social**. Trabalho apresentado no XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Fortaleza, 2012.

PADOVANI, Stephania. **Design Centrado no Usuário** – Conceituação e Abordagens. Curitiba, 14 mar. 2014. Aula ministrada na Universidade Federal do Paraná.

ROUSE, Margaret. XML (Extensible Markup Language). Tech Target, [Scripting languages](http://searchsoa.techtarget.com/definition/XML), 2014. Disponível em: <<http://searchsoa.techtarget.com/definition/XML>>. Acessado em: 19/2/2016.

SILVA, Aline B. e; PEREIRA, Maria de L.; RIBEIRO, Rodolfo S. Professional Convergence: A case study on changes in the journalist's profile. **Brazilian Journalism Research**, v. 9, n. 2, 2013.

STULTZ, Michael. AOL: A Cracker's Paradise? **Wired**, 1998. Disponível em: <<http://archive.wired.com/science/discoveries/news/1998/01/9932>>. Acesso em: 19/2/2016.

TELLÉRIA, Ana S. Online Journalism Design: Evolution, Criteria and Challenges. **Matrizes**, ano 5, n. 2 Jan./Junho 2012, p. 269 – 285, São Paulo.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: A tribo jornalística** – uma comunidade interpretativa transnacional, 3 ed. v. II. Florianópolis: Insular 2013.

WEISS, Amy S. SCHWINGEL, Carla. Uma delicada relação no jornalismo: O encontro do conteúdo e da produção nos sistemas de gerenciamentos de conteúdos. Um estudo comparativo da sistemática de trabalho das redações no Brasil e Estados Unidos. **Brazilian Journalism Research** (Versão em português), v. 1, n. 1, sem. 2, 2008.

WEISSMAN, Andrew. AOL's Downfall Provides Lessons For Twitter, Apple. Business Insider, Tech. Abr. 2010. <<http://www.businessinsider.com/aols-downfall-provides-lessons-for-twitter-apple-2010-4>>. Acesso em: 19/2/2016.

VAN DIJK, Teun A. Notícias e conhecimento. Tradução Luciano Bottini, Heloiza Hercovitz e Eduardo Meditsch. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. II, n. 2 - 2º Semestre de 2005.

W3C. How does the Internet work. Disponível em:

<https://www.w3.org/wiki/How_does_the_Internet_work>. Acesso em: 19/2/2016.